

# Aula 19

## BEATRIZ GÓIS DANTAS E OS ÍNDIOS EM SERGIPE

### **META**

Mostra o processo genocida utilizado pelo colonizador português, na visão da professora Beatriz Góis Dantas.

### **OBJETIVOS**

Ao final desta aula, o aluno deverá: conhecer uma das maiores pesquisadoras do Estado e, ainda, o processo de tentativa de eliminação dos índios sergipanos na metade do século XIX.

### **PRÉ-REQUISITOS**

Ter assimilado o conteúdo da aula 18.

**Antônio Lindvaldo Sousa**

### INTRODUÇÃO

Caro aluno ou querida aluna: nesta aula você vai conhecer uma professora que já deu muito pela cultura e pela história do nosso Estado. Boa aula!

Natural de Lagarto, Estado de Sergipe, Beatriz Góis Dantas (21/08/1941), professora de Antropologia, pesquisadora, escritora e palestrante, é formada em Geografia e História pela Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe e Mestre em Antropologia Social pela UNICAMP/Campinas-SP.

Professora emérita da Universidade Federal de Sergipe (1996), onde lecionou durante décadas, por muitos anos desenvolveu e orientou pesquisas nas áreas de Folclore, Etnohistória Indígena, Cultos Afro-Brasileiros e Artesanato. Autora de vários livros publicados ao longo de 35 anos de literatura, com destaque para *A Taieira de Sergipe* (1972), *Terra dos índios Xocó* (1980) e *Vovó Nagô e Papai Branco* (1988). Participou ainda de obras coletivas como *Candomblé desvendando identidades* (1987), *Textos para a História de Sergipe* (1991), *História dos índios no Brasil* (1992) e *Caminhos da Alma* (2002). Incansável, Beatriz Góis Dantas produziu outros livros e muitos artigos impressos e transcritos em jornais e revistas; material que enriquece o volumoso currículo da professora Beatriz Góis, como é respeitosamente chamada pelo corpo discente e docente da UFS.

Membro do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, tem contribuído para gerações sucessivas na formação de um pensamento original sergipano que fortaleça a nossa identidade cultural, social, intelectual, antropológica.

Seu último título, *Rendas e rendeiras no São Francisco - estudos e documentos sobre a renda de bilro de Poço Redondo*, editado pelo Instituto Xingó e lançado em maio de 2007, com apoio da Chesf, é um primoroso resultado de pesquisa que documenta as artesãs, “cujas mãos fazem maravilhas que enfeitam o mundo e alimentam seres e sonhos”. O livro é dedicado a elas e a sua venda é revertida para essas artesãs. A dedicatória se estende àquela que lhe ensinou a lidar com agulhas e linhas, revelando-lhe os segredos de códigos sentimentais na dimensão perceptível do bordado, coisas que só as mães bordadeiras sabem e ensinam.

Homenageada com a Medalha da Ordem do Mérito Serigy (1988), em grau de Oficial, recebeu quase todos os prêmios, diplomas e comendas que são outorgados a pessoas que de fato contribuem para o desenvolvimento de nosso Sergipe.



Medalha da ordem do Mérito Serigy(Fonte:<http://www.aracaju.se.gov.br>).

## O QUE ME LEVOU A PESQUISAR ÍNDIOS (BEATRIZ GÓIS DANTAS)

Comecei a me interessar pelos índios em Sergipe no final da década de 60, quando lecionava Etnografia do Brasil na Universidade Federal de Sergipe, cuja clientela era constituída, sobretudo, por estudantes de História. Uma questão recorrente na sala de aula era sobre os índios em Sergipe. Na bibliografia disponível à época, a presença deles era registrada no período colonial, como objeto de conquista e catequese; apareciam como força de combate e fazendo arruaças no século XVIII; e na primeira metade do século XIX como habitantes de várias aldeias-missões que se espalhavam pelo território da Província. Depois era o silêncio. Em face disto, se impunha a pergunta sobre o destino dos índios que na primeira metade do século XIX habitavam várias aldeias-missões e sobre os quais se falava explicitamente reconhecendo-os como índios. O que acontecera com essa população na segunda metade do século?

Foi instigada por essas questões que, juntamente com alunos, me dispus a fazer um levantamento de fontes no Arquivo Público do Estado de

Sergipe (APES), cuja documentação é basicamente do século XIX. Isso permitiu encontrar uma resposta, que me pareceu adequada, para o “desaparecimento” dos índios e terminei publicando vários trabalhos sobre essa questão. (Trato mais demoradamente dessa questão no artigo publicado na Revista de Aracaju n. 8, 1985).

### ÍNDIOS NO SÉCULO XIX

O século XIX foi crucial para as populações indígenas, sobretudo para aquelas localizadas em antigas zonas de ocupação colonial, como era o caso do Nordeste. Os aldeamentos, muitos dos quais resultantes de missões religiosas, em contato prolongado com a sociedade envolvente, dispunham de terras coletivas asseguradas por legislação específica e isso gerava a cobiça dos proprietários rurais. Conflitos envolvendo índios, fazendeiros e missionários são constantes nas aldeias indígenas de Sergipe na primeira metade do século XIX, quando oficialmente se reconhecia a existência de cinco aglomerações indígenas: a vila de índios de Geru, a missão de Japarutuba, a missão de Pacatuba, a missão de São Pedro de Porto da Folha e a aldeia de Água Azeda, próxima a São Cristóvão, antiga capital.

Nos meados do século XIX, ocorre no Brasil a regulamentação da propriedade fundiária (Lei de Terras, de 1850), e, logo em seguida, declara-se que os índios que estivessem há muito tempo em contato com os civilizados perderiam o direito à posse das terras coletivas que ocupavam.

Com base na ideologia de assimilação e de construção da nação, em que a mestiçagem é invocada como diluidora de etnias, e em leis que foram interpretadas de modo que convinha aos interesses dos fazendeiros, o Governo decretou a extinção da Diretoria do Índios em Sergipe (1853), e a existência de índios passou a ser negada sistematicamente. No final do século os registros oficiais já não fazem referência a índios em Sergipe e os habitantes das antigas aldeias são referidos como caboclos.

### POR QUE O NOME ÍNDIOS?

O termo índios está tão firmado na literatura especializada e no senso comum que dificilmente se encontrará outro designativo que tenha a força e abrangência dele.

## SOBRE AS FONTES

Os povos indígenas podem ser estudados a partir de fontes diversas, entre as quais os achados arqueológicos, as fontes orais e as fontes escritas. No que diz respeito à história dos índios, o que ficou evidenciado com as comemorações dos 500 anos da chegada dos europeus ao Brasil é que pouco se conhece dessa história. No tocante às fontes escritas, houve esforços de antropólogos e historiadores no sentido de mapear a documentação sobre índios localizada nos estados. Participei de alguns projetos encabeçados por universidades paulistas como Guia de Fontes Para a História Indígena e do Indigenismo em Arquivos Brasileiros - Acervos das Capitais. MONTEIRO, John Manuel (org). São Paulo, NHII/USP/FAPESP, 1995, 496 p.; e a História dos Índios no Brasil, História dos Índios no Brasil. CARNEIRO DA CUNHA, Manuela (org). São Paulo, FAPESP/SMC Companhia das Letras, 1992, 611p.

Essa articulação tornou possível a publicação de alguns instrumentos de pesquisa sobre fontes localizadas em Sergipe, no APES, onde eu muito pesquisei. Assim surgiu:

Repertório de Documentos para a História Indígena - Arquivo Público Estadual Sergipe: Coleções Clero e Câmaras Municipais [vol. 1], DANTAS, Beatriz Góis (org). São Paulo, NHII/USP/FAPESP, 1993, 80p.

Repertório de Documentos sobre Sergipe. Capítulo de Documentos para a História Indígena no Nordeste. PORTO ALEGRE, Sílvia, MARIZ, Marlene, e DANTAS, Beatriz Góis. São Paulo, NHII/USP/FAPESP, 1995, 269p.

Cabe lembrar que muitas fontes importantes para o estudo dos índios, inclusive os de Sergipe, estão publicadas em obras diversas.



Livro antigo (Fonte: <http://revistaraiz.uol.com.br>).



### ATIVIDADES

Pesquise, pelos meios ao seu alcance, quais os remanescentes de povos indígenas do seu município ou, se não houver, da sua região.

### CONCLUSÃO

Percebe-se que a historiografia do índio sergipano seria incompleta sem a contribuição das pesquisas de Beatriz Góis Dantas. Além da sua contribuição para os estudos da cultura e dos costumes do povo sergipano, a professora dedicou-se, como poucos intelectuais sergipanos, a levantar dados, resquícios do passado, para recompor este que é um verdadeiro quebra-cabeças da historiografia do nosso Estado, inclusive preenchendo uma lacuna histórica que permanecia aberta no século XIX.



### RESUMO

Caro aluno ou estimada aluna: além dos detalhes que temos estudado acerca da povoação do território sergipano pelos portugueses, e do papel dos missionários da Companhia de Jesus na catequese dos nossos índios, aprendemos mais uma coisa nova muito importante: um pouco da história dos índios sergipanos no século XIX. Você viu como, praticamente, o Estado quis eliminar por decreto a população indígena, por meio da “Lei de Terras”, de 1850? Para garantir isso, como você viu, o governo chegou a extinguir um órgão público, a Diretoria dos Índios de Sergipe. Como se fosse possível eliminar um povo por decreto! Aqui se percebe com clareza um dos trabalhos de maior importância do historiador, que é recuperar fatos que os detentores do poder certamente ocultariam das populações do futuro. É assim que o historiador tem a fascinante possibilidade de construir o passado!

## TRABALHOS SOBRE ÍNDIOS PUBLICADOS POR BEATRIZ GÓIS DANTAS

### Livros

Terra dos Índios Xocó (co-autoria Dalmo Dallari), São Paulo, Comissão Pró-Índio/Ed.Parma, 1980, 186 p.

Repertório de Documentos para a História Indígena - Arquivo Publico Estadual e Sergipe: Coleções Clero e Câmaras Municipais.[vol. 1], São Paulo, NHII/USP/FAPESP, 1993, 80p.

Obras coletivas (capítulos de livros)

Os Índios em Sergipe. Capítulo I do livro Textos para a História de Sergipe. Diana Maria de Faro Leal Diniz (coord.) Aracaju, UFS/BANESE, 1991, 294p.

Os Povos Indígenas do Nordeste Brasileiro: um esboço histórico. Capítulo escrito em parceria com José Augusto L. Sampaio e Maria Rosário G. de Carvalho publicado no livro: História dos Índios no Brasil. Manuela Carneiro da Cunha (org). São Paulo, FAPESP/SMC Companhia das Letras, 1992, 611p.

Repertório de Documentos sobre Sergipe. Capítulo de Documentos para a História Indígena no Nordeste. PORTO ALEGRE, Sílvia, MARIZ, Marlene, e DANTAS, Beatriz Góis. São Paulo, NHII/USP/FAPESP, 1995, 269p.

Guia de Fontes Para a História Indígena e do Indigenismo em Arquivos Brasileiros.

MONTEIRO, John Manuel (org.) - Acervos das Capitais. São Paulo, NHII/USP/FAPESP, 1995, 496p. (coordenação estadual do trabalho em Sergipe).

### Opúsculos

Xocó: Presença Indígena em Sergipe. Catálogo de exposição. Aracaju, CEAV/UFS, 1996, 10p

Xokó : Grupo indígena de Sergipe. SEED/NEI. Aracaju, 1997, 45p.

### Artigos em Revistas

“Índios e brancos em conflito pela posse da terra” Aldeia de Água Azeda - século XIX. In Anais do VIII Simpósio Nacional de Professores Universitários de História, Revista de História, nº LXV.v.II, p.421-452,1976. São Paulo.

“A missão indígena do Geru”. In Programa de Documentação e Pesquisa Histórica, DFH/UFS sd. Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, nº 28, p.65-87, 1979-1982. Aracaju.

“História de grupos indígenas e fontes escritas: o caso de Sergipe”.

In Revista de Aracaju, nº 8, p. 115-123, 1985. Aracaju e Revista de Antropologia, vol. 30/31/32, p. 469-479, São Paulo, 1987/88/89.

“A tupimania na historiografia sergipana”. In Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, nº 29, p. 39-47, 1983-1987. Aracaju. “Fontes para a História Indígena e do Indigenismo em Arquivos de Aracaju” in Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, no 31, 1992 [1997]. p. 13- 30.

“O índio em Sergipe no século XIX”. Aju, Judiciarium. n. 34, 1999, p. 10-12.

“História Indígena no Nordeste: fontes e instrumentos de pesquisas”. Revista do

Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. N. 32. 1993-1999. Pag. 19-39.

“Da Taba de Serigy ao Balão do Porvir: representações sobre índios em Sergipe no século XIX” in Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. N. 33. 2000-2002. Pag. 20 - 45.

Resumos em Anais de Congressos.

“Nem Selvagens nem Bons: Representações sobre índios no século XIX” in Resumos da XVI Reunião da ABA. Campinas, 1988 p. 35

“Do Frade ao fazendeiro: estudo de caso sobre a missão de Pacatuba (Se) no século XIX”. In Anais da XV Reunião Brasileira de Antropologia. Curitiba. 1987. p.60.

“Sistematização de Fontes e Instrumentos de Pesquisa para a história Indígena” in II Semana de História, ANPUH/UFS. Aracaju, 1994. p.21/22.

“Cruzando Fronteiras: multidisciplinaridade na pesquisa documental sobre temática indígena” in Resumos da ANPOCS, 1994.

Artigos em Jornais.

“Xocó, os filhos da ilha: morrer, matar ou correr”. In Porantim, jan/fev. 1980 . Manaus.

“Os Xocó e a questão da indianidade”. In Gazeta de Sergipe 19.04.81. Aracaju

“Os índios e nós “. In Gazeta de Sergipe, 13.04.84. Aracaju.



## REFERÊNCIAS

- FREIRE, Felisbello. Divisão militar, judiciária e civil. Criação de vilas. In: **História territorial de Sergipe**. Aracaju: sociedade Editorial de Sergipe/SEC, 1995. p. 43-51.
- \_\_\_\_\_. Domínio holandês em Sergipe. Fim do domínio holandês em Sergipe. In: **História de Sergipe**. Petrópolis: Vozes, 1977. p. 117-173.
- NOLANDA, Sérgio Buarque de. o semeador e o ladrilhador. In: **Raízes do Brasil**. 26 ed. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.
- NUNES, Maria Thetis. Aspectos históricos da cidade de São Cristóvão. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe**. Aracaju: IHGSE. n. 32, 1993-1999. p. 129-142.
- \_\_\_\_\_. A cidade de São Cristóvão. A vida urbana na capitania de Sergipe Del'Rei. In: **Sergipe colonial II**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. p. 170-176.
- RAMINELLI, Ronald. Simbolismo do espaço urbano colonial. In: VAINFAS, Ronaldo (org). **América em tempo de conquista**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1992. p. 163-175.
- SALOMÃO, Liliam da Fonseca. **A lenta penetração portuguesa no Brasil**. O caso de Sergipe d'El Rey, território marginal. Cadernos UFS-História. São Cristóvão: DHI/PDPH/EDUFS, 1996. p. 105-115.
- WHYNNNE, Pires. **História de Sergipe (1575-1930)**. Rio de Janeiro: Editora Pongetti, 1970.